



A SEMANA.

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Vol. I.

DOMINGO 30 DE JANEIRO DE 1856.

N. 7.

PARTE POLITICA.

A LITTERATURA E A POLITICA.

O passo, que vamos dar, é talvez um facto novo entre nós; e por ventura é uma resolução ousada, que muitos estranharão: o jornalismo politico e mercantil podia invadir e avassalar os dominios da litteratura, mas ao jornalismo litterario não era permittido, ao menos, acercar-se das fronteiras da politica.

D'aqui veio que o jornalismo litterario, quando, uma ou outra vez, aspirava representar-se na imprensa, definhava e perecia; porque uma politica vertiginosa absorvia-lhe toda a ceiva, toda a philosophia, toda a idéa intima, e reduzia-o ao machinismo dos tropos, á medida pautada da versificação, á elegancia material das phrases e dos periodos, á litteratura das formas, em summa, e não á do pensamento.

A civilização da idade média fez-se pela litteratura. Do claustro, onde ella se enthronisára, e onde quasi se concentrára, partia essa influencia magica, que impelia e modificava a tudo e a todos com uma justeza de acção admiravel. Mas a politica tomou por fim a bastilha da theologia, e do centro da encyclopedia partiram essas colonias de jornalistas, que escreviam suas bellas theorias, seus planos disparatados, os seus monstros de Horacio no papel, que lhe recortára a espada do aventureiro.

Passou já esta epocha; e encetamos agora uma nova phase social, que manifesta-se na litteratura, expressão legitima, que sempre foi e é da sociedade. O jornalismo, a mais bella, a mais seductora, a mais poderosa forma da imprensa está na incubação d'uma nova transformação. As paixões más da politica já quasi não tem órgãos: as paixões más dos individuos é que ainda tem o desafogo e desaforo de ir ao jornalismo diario, em troca de algumas moedas de cobre, assassinar e conspurcar a honra e os nomes alheios. Mas um dia os redactores mercantis acordarão, e reconhecerão que é vergonhoso, que é da ultima cobardia prestarem o fogo sagrado da imprensa, de que elles devem ser Vestaes, para se queimarem ou tismarem reputações feitas, ou nomes obscuros, mas honestos.

A tudo isto se obviará com a acção do jornalismo litterario; e este retomará a devida ascendencia e influencia, quando sahir do circulo das

formas artisticas e mechanicas do bello e assumir a idéa philosophica da politica, e caminhar com ella na via longa do progresso e da summa civilização.

E' como nós comprehendemos a politica e a litteratura; nem aquella vertiginosa, egoista, e com todos os seus máos instinctos, nem esta reduzida a formas esteréis e de côres opacas ou cambiantes, sem significação alguma para a realidade dos interesses sociaes.

Depois d'estas rapidas considerações declaramos que a nossa folha vae de hoje em diante tomar uma parte immediata na discussão dos interesses politicos do paiz, e na marcha e programmas das administrações. Não arreecem, porém, os espiritos susceptiveis, que vamos abrir as portas de Jano, ou que, depois das batalhas sangrentas dos partidos, como já dissemos em outro logar, vamos ventilar de que lado estava a razão.

O nosso programa politico está definido.

« Aceitamos as instituições fundamentaes do paiz, não como doutrinas infalíveis, mas como evangelho, que tem em si os germens da necessaria regeneração. Para nós o principio monarchico é tão necessario no nosso systema politico, como no systema de Copernico é necessario o sol em relação aos demais planetas.

« As franquezas provinciaes são para nós um dos pontos que mais carece ser esclarecido e definido. Entre o principio de centralização, e o principio de franquia departamental ha um meio termo a interpor; e este deve necessariamente ser o ascendente municipal.

« A instrucção primaria e secundaria, que é a primeira necessidade, a primeira urgencia publica, que se reclama em altos brados de todos os angulos do imperio, os melhoramentos materiaes a cargo da auctoridade municipal e não da provincial, uma colonização sem utopias, nem preconceitos velhos ou novos, taes vão ser os assumptos da nossa politica.

« Com as ideas, com os factos, e não com o pessoal que representa essas idéas, e produz os factos, é que nos havemos importar: havemos conduzir por tal forma o bisturil, que a idea e não a pessoa seja por nós philosophicamente dessecada.

No proximo numero aventuraremos algumas considerações sobre a situação politica da actualidade: buscaremos comprehender e definir o

estado das ideas predominantes; e o que é e o que virá a ser a politica esposada pela actual administração.

A litteratura é uma das forças latentes, senão a primeira do estado. Ella tem o legitimo direito de ser representada no movimento politico do paiz. E' reconsiderando essa força: é assumindo os nossos direitos de escritores, que vamos apresentar-nos na lica: recebam-nos com generosidade, leiam-nos com indulgencia, julguem-nos com justiça.

PARTE LITTERARIA.

O HOMEM E A MULHER.

II.

As mulheres são o reflexo do homem, feitas para lhe serem submittidas, para consolal-o em seus desgostos, para mitigar suas penas. Sua ventura consiste em procrear filhos e educal-os na fé, na esperanza, e no amor.

Com esse caracter de ternura, com essa subtilidade de espirito, e essa amabilidade de seus sentidos, com esse tecido delicado de suas fibras e de seus órgãos, não admira que ellas sejam tão doces, e ao mesmo tempo tão fracas e tão promptas a ceder a um sexo mais emprehendedor e mais forte. Mas o poder de seus encantos as eleva sobre o poder do homem.

Não foi o homem o primeiro seduzido, mas sim a mulher, porem elle o foi depois por ella.

No entanto sejamos justos: se a mulher succumbe facilmente á seducção, nem por isso, seu coração é menos inclinado á virtude e a receber todas as impressões que o podem enobrecer e o tornar mais amavel. As mulheres tem um gosto natural para tudo que tende á decencia, á belleza e á semetria; sómente é pena que ellas se empregando, quasi sempre, muito no exterior, não saibam apreciar o merito intrinseco. « A mulher vio que o fructo era bom ao paladar, e agradável á vista; e a arvore lhe agradou, porque dava a sciencia, e comeu do fructo. »

O homem pensa, e a mulher sente. A força d'elle, consiste na reflexão; a força d'ella, no sentimento.

O imperio das mulheres é muitas vezes mais solido, mais absoluto do que o dos homens: ellas o exercem por um olhar, por uma lagrima, por um suspiro. Desgraçadas d'ellas, quando recorrem á colera e á violencia! seu poder destroe-se e tomam-lhes aversão.

Entre as virtudes de seu sexo, conto a mais pura sensibilidade, a inexgotavel ternura de coração, a bella simplicidade de costumes, um amor ardente, que toca ás vezes ao heroismo.

A physionomia da mulher, traz o cunho de uma santidade inviolavel, que o homem de honra tem como dever respeitar, e que muitas vezes impõe aos libertinos mais desenfreados, o mais severo preceito de acatamento.

Irritaveis por constituição, pouco acostumadas á pensar, á raciocinar e á discernir, arrasadas pela torrente de sentimento, tornam-se fanaticas, nada as pode curar d'isso.

Entre ellas o mais ardente amor não está ao abrigo da inconstancia; seu odio, ao contrario, é quasi sempre implacavel, e só com uma perfeita lisonja, se as póde apasiguar.

O espirito do homem abraça o todo; o da mulher liga-se aos detalhes, ella atina com as gradações mais delicadas.

E' muito ordinario que a timidez, seja o apanagio natural d'um sexo fraco. O homem aprecia o spectaculo magestoso d'uma tempestade; sua alma se eleva ouvindo o ronco do trovão, por cima de sua cabeça; a mulher treme. á approximação da borrasca, occulta-se, e busca um asilo nos braços de seu protector.

O homem contempla o arco Iris, como um meteóro natural; a mulher só vê o jogo de suas côres. Ella fixa esse phenomeno no lugar em que apparece, o homem acompanha seus raios em todo o circulo que percorrem.

Nas mesmas circumstancias a mulher chora, e o homem fica mais serio, ella se desespera por um acontecimento, que em nós apenas excita algum pezar; ella entrega-se á impaciencia e á murmuração; e nós não cuidamos senão em nos lastimar: comtudo a fé da mulher é mais forte que a do homem.

Um homem irreligioso assemelha-se á um doente, que se persuade que está bem disposto, e que póde passar sem medico. Uma mulher sem religião, é uma creatura repulsiva, revolta-nos, querendo fazer-se libertina, porque é feita para devoção e para a piedade. Foi ás mulheres, que o Salvador resuscitado appareceu primeiro, mas soube reprimir-lhes o grande transporte com estas palavras: « Não me toqueis. »

Tudo que é novo e extraordinario as impressiona e as fascina.

Entregues a um unico sentimento, esquecem-se de si mesmas, em presença do objecto amado.

São sujeitas á mais profunda melancolia, e as satisfações as arrebatam em extasi.

O sentimento do homem traz sua origem da imaginação, e o da mulher vem do coração.

Sua franqueza é mais ingenua que a nossa; reservadas, são impenetraveis; seu coração é um mysterio.

Ellas são mais impacientes, mais indulgentes, mais beneficas, mais modestas, e mais cheias de confiança do que nós.

Se o homem occupa, pela força da intelligencia, o primeiro lugar na escala da criação, o segundo pertence á mulher. O homem só não é perfeito; é um ente sem imperio. O homem é a honra e o sustentaculo da mulher, mas também é pela mulher, que elle torna-se o que póde e o que deve ser.

« O homem não deve viver só. Por sua mulher elle deixou seu pai e sua mãe. Elle não fará mais que uma só carne com ella. » (*Genesis, Cap. 2.º, § 24*).

DR. MELLO MORAES.

AS FOLHAS DE UM ALBUM.

INTRODUÇÃO.

III.

Ha pessoas tão infelizes que até no gozo dos seus desejos, os mais ardentes, saboream envenenadas magnas, e deixam cahir na taça do prazer as lagrimas pungentes das suas desditas interiores. Sim; ha um vacuo no coração do homem, cujos abysmos se tornam mais profundos, á proporção que se pretende encher e saptisfazer; — é porque o homem busca a sua verdadeira felicidade, como o Tântalo da fabula se esforça para tocar e devorar os pomos que lhe fogem.

Ja vistes o caçador percorrer longas courellas de terra, descer aos vales, e subir aos montes e colinas, romper e atravessar o tojo da charneca com o fim de acertar e matar um passaro, e depois abandoná-lo ou ve-lo devorar pelos cães, ou quando muito mete-lo indifferentemente na savadeira de caça? Pois eis ahí como são os gosos da minha vida.

Um desejo ardente de saber e viajar se apoderou de mim, e me levou para tão longe do tecto paternal; mas a sciencia tem fructos amargos; e o espectáculo dos monumentos e das paisagens, quando não é admirado junto a uma pessoa querida, perde quase todo o seu encanto: — é a lagrima na taça do prazer. Desejar e anciar a felicidade, ve-la ás vezes desenhada diante de mim, e, no momento em que a vou abraçar, encontrar o cadaver fatal e terrivel da minha desventura, eis aqui a minha ome, a minha agonia de Tântalo! Trabalhar longas phoras de tremendos sacrificios para chegar a possuir um thesouro depois have-lo sem vida!... buscar a gloria, e achar a corôa de espinhos, eis aqui o meu prazer de caçador.

Estas considerações tinha-as eu estampadas no coração, e a vulcanisarem-me a cabeça n'uma

d'essas horas, em que uma saudade punjente da patria me traspassava a alma como se fôra uma espada de dois gumes. Se uma tal crise durasse mais de uma hora talvez os cabellos se me tornassem encanecidos, porque essa scistole de amargura é tão violenta, que chega a fulminar os desditosos com uma apoplexia, ou, o que é ainda mais fatal, com uma alienação mental.

Um passeio, uma distracção convenientemente dirigida é o remedio efficaz, não para curar radicalmente essa molestia moral, que só finda na terra do sepulcro, mas para acalmar a sua intensidade. Abalado por tão violentas sensações, e como sacudido pelo furacão da tormenta, dirigi-me para a cortina beira-mar da cidade. No meio d'estes tractos acerbos, o Santelmo da religião sancta com que meus paes me educaram, essa estrella de verdadeira bonança appareceu-me no meio do estalar e fuzilar da borrasca, como para guiar-me á praia de salvação.

Era ja alta noite. Um pequeno sino, cujos sons vinham vibrados do corucheo de St. Antonio dos Capuchos, e que chamava os filhos do claustro para a oração da meia noite, foi o instrumento de que a Providencia se serviu para lançar-me n'alma a esperança, o alento e a resignação. A minha alma, até então negra pelas nuvens serradas da saudade, começou a sahir do meio das angustias, como a lua surge do meio das nuvens da tormenta, que começa a desfazer-se. Tinha eu passado pela provança de profundos e crucis desgostos; mas o meu anjo da guarda começava a abrigar-me debaixo das suas azas protectoras: — rezei.

Mas a minha oração não foi essa junção de palavras da doutrina catholica, a que, em geral, não se liga a significação philosophica que encerra, foi uma prece modulada n'uma expressão que não é commum: foi uma oração solemne como a de Lammartine porque a minha alma

Entre la nuit qui tombe, et le jour qui s'enfuit
S'élève au createur du jour et de la nuit,
Et semble offrir à Dieu, dans son brillant langage,
De la création le magnifique hommage!

Acabada essa devoção mystica, que eu no sacramento da minha alma tinha eucharisticamente elevado ao throno de Deus trez vezes sancto, senti como um poder occulto que me animava: parecia que o anjo da minha guarda me tinha dado o seu dedo protector para me servir de apoio n'esta senda escabrosa da vida.

O espectáculo da noite é sempre poetico, magestoso, e solememente religioso, ou seja contemplado no bosque serrado da floresta, ou no meio das ruínas mortas de uma cidade, ou em fim na largueza do mar: — o verbo de Deus é sempre grande.

Quando cheguei a entrar na área d'essa miseravel gaiola, a que por escarneo chamam o caos do Faroux: evi, ao longe, asserras sotopostas da outra banda, e senti as ondas quebrarem suavemente na praia as suas vagas, espalhando esse sussurro, que se assemelha ao suspirar de uma rola, ou aos sons de uma harpa; e que vi essa cidade, semelhante a um athleta, dormir o somno da fadiga, para, logo que accoradar, voltar á vida agitada e laboriosa do seu commercio: quando eu contemplei esse soberbo quadro senti alguma coisa de solemne e poetico dentro de mim: parecia que a minha imaginação se havia despojado da tunica grosseira da vida prosaica, e material, e revestido do amytho purpureo, e da alva nevada dos anjos de Milton para ascender-se e voar pelas regiões do sublime e da poezia.

Embebido n'essa profunda melancolia, que inspira os grandes espectáculos da natureza, voltei para casa. Quando eu atrevesava o meu gabinete e me dirigia para o quarto de repouso, reparei em uma porção de cartas, ainda serradas, e que me eram dirigidas. Quando eu lhe deitava um relancear de olhos, como quem lhe dizia — que me aguardassem para o dia immediato, quando estivesse sentado á minha banca, ou, melhor, atado a essa minha columna de martyrio, reparei em um bilhete, cujo sobrescripto me era dirigido, e cuja lettra era visivelmente traçada por uma mão tremula e agitada. A palavra *urgente*, que estava no fim me obrigou a toma-lo, rasgar-lhe a obreira e lê-lo immediatamente. Eis aqui o seu conteudo pouco mais ou menos.

« MEU QUERIDO PATRICIO. — Poucos ou nenhuns amigos, e nem um só parente, conto eu n'êta terra, onde a minha bocca falla a mesma lingua, mas onde a minha alma é inteiramente estrangeira, e o meu coração um verdadeiro desterrado.

« As lagrimas de compaixão que vos dignastes lançar na ampla taça da minha amargura, quando, no Passeio Publico, eu deplorava a perda de meu querido pae, me animam a rogar-vos tomeis o encargo de ser o meu testamenteiro, e mesmo meu legatario.

« Bem como este bilhete é escripto por uma mão, em que está retratado o herpe arroxado da morte, assim os pés tenho-os eu já como plantados na terra da sepultura: — não posso ir pessoalmente procurar-vos. Se pois vos dignardes descer até este horto da minha derradeira agonia, praticareis uma obra de caridade, emitareis a Deus que em substancia, não se digna de vezitar o afflicto e dar-lhe na hora terrível do passamento, aquelle conforto e consolação a que não pôde já chegar, nem o poder da terra, nem a sciencia dos homens.

« Rogo-vos em nome da terra da patria, pelas venturas dos nossos parentes, que lá moram, e mesmo pelos ossos dos nossos maiores, que venhaes ouvir o meu testamento; e receber o legado que vos tem destinado a minha simpatia; — legado pobre e mesquinho para muitos; mas para vós será de algum apreço, por que n'elle vos deixo grande parte da minha alma, *materialisada*, por assim dizer.»

IV.

O desventurado que ao receber um tal convite, se fosse indolentemente deitar, e alcançasse conciliar o somno, seria considerado como uma indole de tigre, revestida de fôrma humana. Como se eu pois fôra tocado pela aza da tempestade, precipitei-me fôra de casa, e dirigi-me para o lugar que se me indicava. Entrei.

No fundo de um armazem, que na linguagem corrente commercial, se chama *casa de commissões*, havia uma especie de buea, onde ardia uma luz palida, que oscilava com a impureza do ar. Este antro, que por um caixeiro, que me conduziu até alli, era chamado alcova, não duvido que Dante o tomasse para uma das cavernas do seu *inferno*. Era um d'esses focos de myasmas putridos sem ventilação, humidos e asquerosos, que tornam os moços, aprendizes do commercio, de rosados e sãos, que erão ao desembarcar, em rostos lividos e palidos, como os dos presos de enxovias, ou como os atacados de ectricia.

Quando transpuz a porta da alcova parecia que uma rajada de vento impestado me havia açoitado a cara, e quase recuei; mas galvanizado pela impressão, que alli me conduzira, entrei. Senti então o cybilar de um suspiro, que, por assim dizer, expressava a linguagem de uma grande amargura; e em seguida o revolver de um corpo sobre um leito, que estava collocado a um canto d'aquella pequena quadra.

—Quem é que entrou ali? perguntou uma voz alquebrada, tremula e como expirante.

—Um vosso amigo,

—Ai!... respondeu a mesma voz, como querendo tomar mais força, porém tornando-se cada vez mais cava e como se saíra de um sepulcro.

—Nunca os tive n'esta terra, porque fui dos da minha família o unico desventurado que trocou a terra da patria pelo solo estrangeiro, e o lar domestico pela casa da *servidão*.

—Sois injusto meu querido patricio, lhe voltei eu, dirigindo-me pouco a pouco para junto do catre, em que o desditoso estava reclinado. E' um vosso verdadeiro amigo, quem vos procura, e vos quer como se foreis seu irmão, como se fosseis alimentado ao seio da mesma mãe.

—Ah! sois vós, sois vós! exclamou o infeliz sentando-se violentamente na cama, e estendendo-me os braços descarnados e seccos, como se foram já os de um cadaver interido. Perdoae-me, oh! perdoae-me pelo amor de Deus, e pela ventura de vossos paes, pois fui tão injusto que, não obstante recorrer, no ultimo trance de minhas agonias, para os impulsos da vossa alma generosa e candida, duvidava que viesseis. Havia-vos supposto, não na minha alma, mas na minha cabeça sujeito á indole e sentir da sociedade actual, pensando e obrando, como esses homens, cuja alma é temperada pelo poder do ouro, tantas vezes orvalhado com as lagrimas dos infelizes.... oh!... perdoae-me, perdoae-me; e recebei os meus parabens, porque ainda não conspurcastes a vossa alma na sentina, onde chafurda essa gente para quem o dinheiro é tudo, e os factos intimos e generosos da alma uma demencia consumada.

—Tranquilisai-vos, meu amigo, não vos abandoneis a essas considerações, que tem sido os vossos algozes, que tem sido os herpes que tem lavrado no vosso corpo, e vos tem chegado a este estado tão deploravel. Refreae os impulsos de tão acerbos amarguras.

—E quem terá poder, me voltou o infeliz com maior intonação de voz, quem poderá dizer ao oceano em tormenta que se acalme, quem poderá trocar a tempestade em bonança, quem terá o poder de tomar nas mãos o raio e quebra-lo, quando rompe e estala a través das nuvens?—Ai!... Muitos me tem dito para que essa tristeza, em que te consomes? Porque não acceitas o mundo tal qual é?... Mas eu nunca pude acceitar essas crenças monstruosas de egoismo, em que eu tenho

visto agitar-se a sociedade actual, e, graças a Deus, vou morrer pobre, desgraçado, sem ter até com que pagar a minha mortalha; mas as crenças da minha infancia, as maximas sanctas, com que meus paes me educaram, tenho-as ainda indeleveis na minha alma, e heide amortallar-me n'ellas.

— Um pouco de silencio, meu amigo, um pouco de repouzo, e depois fallaremos mais á vontade, depois buscaremos remedio á vossa enfermidade.

—Não a conhecem os homens da sciencia; dam-lhe o nome esturdio de *nostalgia*, mas não a sabem curar, porque a clinica para uma tal molestia, só a saberia praticar uma mãe ou um pae; e não esses homens que se tem costumado a ouvir os gemidos dos padecentes com a mesma indifferença, com que ouvimos assoar ou escarrar um individuo. A minha enfermidade é mortal e eu bem sinto que a minha ultima hora de vida está a soar...

O infeliz calou-se um pouco como querendo reunir as suas idéas, depois continuou.

— «D'esde que desembarquei n'esta terra, e que me vi arrojado para o centro d'essa sociedade, tão differente d'aquella em que fui creado: quando em vez da singeleza, da verdade e da boa fé lavradora da minha querida familia, moldada pelos costumes patriarchaes, eu tive de viver e sujeitar-me aos homens do toucinho e carne secca, bem senti eu que estava precipitado no inferno da vida: mas resignava-me, porque o homem é para o soffrimento, bem como as lagrimas são para as dores.

«Rehabilitar-me para voltar á patria era o meu pensamento unico, em torno do qual eu fazia convergir todos os sacrificios do trabalho; era a tabua de naufragio, a que eu me agarrava, e em que esperava chegar com vida á praia de salvação. Quando o suor me cahia em bagas da fronte, levava eu a mão á testa, limpava-o, e dizia— bemaventurada fadiga que me deve proporcionar o regresso á terra da patria, para beijar as mãos de meu pae, e as faces venerandas de minha querida mãe. E trabalhava, — tanto ou mais do que um escravo.

«A 22 de Julho de 1849 entrou navio de Portugal, e no correio recebi eu uma carta de minha saudosa mãe, que me dizia assim. — «Desde o dia 13 de outubro de 1848, que estou viuva e tu orphão: reza por alma de teu pae, como eu te-

« nho rezado e chorado pelo repouso eterno de
« meu esposo. »

« Dizem que ha amarguras que fazem encanecer os cabellos ao desditoso, a quem ellas fulminam: dizem outros que ha calamidades que prostram com a morte; creio que não, por que nem os cabellos se me encaneceram, nem cahi aos golpes da morte: a alma é que morre para a existencia convencional da vida, e então o corpo toma o aspecto de um cadaver; foi o que me succedeu. Como um naufrago, que lutando largas horas sobre as vagas revoltas do oceano, arqueja e esmorece exangue de fôrças, e, erguendo as mãos ao céu, se deixa tragar pelas ondas, assim eu, não podendo mais sustentar um duélo tão empenhado com o destino, abaixei a cabeça, e disse á morte que tomasse conta do corpo que lhe pertencia:— a alma, só ficava n'este mundo, presa á saudade de minha querida mãe, e a pairar sobre a sepultura do cadaver de meu querido pae. E' o que tem succedido na dolorosa paixão da minha vida.

« Uma ou outra vez me queria eu illudir com a esperanza de ainda um dia voltar á patria; mas o trabalho, tão intenso, e tão superior ao meu estado phisico e moral, não offerecia resultado para isso. Desenganei-me que, neste paiz, dito de tantos recursos, onde ha tantas fortunas ficticias, mas que se fossem a realisar-se desappareceriam totalmente, desenganei-me que não éra possivel ajunctar com que pudesse transportar-me, e que enfim teria de deixar o cadaver na terra estrangeira.

« Havia um recurso para satisfazer os meus desejos: era embuir-me com a perspectiva d'essas protecções tão assoalhadas e nunca vistas, d'esses offerecimentos nos dias da prosperidade, convertidos em repugnancia e desculpas hypocritas no dia da necessidade; mas pedir!... era uma idéa que sempre me repugnou. Demais: diria um — trabalhe que é moço, e hade ainda ser muito feliz. Outro diria—deixe d'essas suas maluquices e ganhe dinheiro, por que nós tambem havemos morrer. Não pedi e morro: ainda bem que não é de vergonha.

« Estas considerações, que tenho agonisado, é que me tem produzido esta febre que me vae devorando. Nunca tive uma palavra para queixar-me, nunca fiz ostentação das minhas amarguras: eram fogo que minava e não deitava labareda. Mas desejára eu que esta realidade tremenda, em que me acho, que uma tradução fiel das minhas

mágoas e padecimentos se apresentasse aos mas-
cebos, que buscam os portos da nossa patria para trocarem o tecto paterno pela casa da servidão.

.....
A emigração de portuguezes para o Brazil é uma questão altamente politica, administrativa e mesmo diplomatica, que deveria ser considerada e resolvida convenientemente; mas com a vertigem eleitoral e revolucionaria que por lá se agita, com os representantes provisórios que por cá temos, o que ha a esperar?

.....

« Como vos disse, nunca soltei uma queixa. O destino, e os homens, onde elle encarna, não toleram as queixas dos infelizes, a quem só resta a recordação, unico legado, ou, melhor, derradeiro algoz, que o acompanha até exalar o arranco extremo no patibulo da vida. Para mim as RECORDAÇÕES DA PATRIA serviram-me de algoz e consolação.

« Como muitas vezes cheguei a temer, em vista dos meus padecimentos Moraes, que a memoria se me enfraquecesse, e que a imagem do meu querido Portugal, d'essa terra, tão querida e tão saudosa, se me esvaisse da imaginação, consagrei algumas das FOLHAS DE UM ALBUM para esboçar, em rude escriptura, essas queridas recordações, e as reminiscencias da infancia.

« Sei que no vosso peito pulsa um coração portuguez, e que sabeis avaliar uma dôr como a minha. A unica coisa que possuo n'este mundo é esse album, onde tenho encerrado grande parte dos affectos da minha alma. Muitas passagens talvez vos sejam inintelligiveis; mas todas essas paginas encerram a epopea da minha dôr, todas essas palavras, todas essas phrazes desleixadas foram baptisadas com lagrimas. Um só coração as podia entender—erao deminha mãe; mas a pobre velha, ou já se hade ter finado de amarguras, ou então as lagrimas, que por mim e por meu pae tem derramado, lhe terão enfraquecido a vista:

« Aqui está o livro debaixo do meu travesseiro; tomae-o.

« Ainda ha pouco, quando eu senti a morte estender as suas raizes de gelo até ao meu coração, escrevi na sua ultima pagina, o meu canto de cysne que findára por estas palavras. — Bemdigo a hora da tua chegada, ó morte: vou enfim desembaraçar-me do fardo pezado da vida. Eu te saúdo, hora primeira de repouso, que tenho soboreado. Ulti-

ma hora da minha vida, aurora do dia eterno, eu te saúdo, como o infeliz Chaterton te saudava na sua derradeira agonia. Adeos, humiliações, odios, sarcamos, trabalhos aviltadores, incertezas, angustias, miserias, tormentos do coração, adeos!..»

Esta apostrophe foi pronunciada com tal commoção que me assustou: aquellas palavras tremulas e de som cavo, pareciam-me como os relampagos continuados de uma noite escura de tormenta. Depois proseguiu com mais calma.

« Se um dia voltardes á terra do nosso querido Portugal, e se minha velha mãe ainda for viva, lêde-lhe algumas d'estas folhas; e dizei-lhe... que o seu nome, aqui escripto foi muitas vezes ungido... com as minhas lagrimas... e que... o meu ultimo suspiro... se encaminhou á sepultura de meu pae!..»

Ao proferir estas ultimas palavras reparei que se lhe contrahiam os beiços de uma maneira assustadora: toquei-lhe a cabeça, e senti-a fria... como de gelo... os olhos estavam cobertos de nevoa, e o suor da morte destilava-se-lhe em lagrimas pela testa.

Com a maior anxiedade chamei-o: em vão. A palavra JEZUS, solta de seus labios arroxados, como se fôra a voz de um sonambulo, soou-me no coração como um dobre de finado: reparei: —o infeliz tinha morrido.

O leitor que avalie o como eu ficaria em presença d'este quadro. Eu proprio tive de serrar-lhe os olhos, e amortalhá-lo, permanecendo sentado junto a esse leito, agora tornado um sarcophago, até ao alvorecer do dia immediato. Então fiz baldear esse cadaver para um carro, e fui acompanhá-lo até ao mosteiro de São Bento em cuja galilé vi enterrar o cadaver do pobre estrangeiro, deitando uma lagrima sobre a terra revolta da sua sepultura.

Entendi dever fazer esta introdução com todas estas circumstancias, para que o leitor se convença da *autenticidade* d'este livro, de que eu fui legatario, e de que apenas sou edictor; por que o *verdadeiro* auctor é o moço que acabamos de sepultar em São Bento, o qual o escreveu e m'o legou: — palavra de jornalista politico. R. D'A.

PARTE NOTICIOSA.

UMA FESTA CIVICA.

Os festejos, nos anniversarios dos monarchas, são uma tradição de longas eras, em que muitas vezes

a dedicação dos povos e a hypocrisia politica dos aulicos correm parelhas n'essas manifestações de publico regosijo.

O monarcha, que repousasse tranquillo ao ruido das manifestações officiaes da côrte e das grandes cidades, que calculasse por esse cortejo estudado a dedicação civica de todos os seus vassallos, erraria por certo. Os programmas estudados são uma legitima veneração historica á realeza; mas as preces das pequenas povoações pela vida do monarcha são o puro insenso da dedicação queimado no thuribulo de corações devotados. Lá pôde haver a hypocrisia com as galas mentirosas da verdade, aqui ha a verdade toda ingenua e pura. Lá pôde haver a disciplina official, aqui ha a efusão de corações agradecidos, que gosam de paz e justiça, escudados pelo manto real do imperante.

Uma festa civica, n'este ultimo sentido, teve lugar na villa de São Luiz, da provincia de São Paulo, por occasião do ultimo anniversario do Senhor D. Pedro II.

Uma pequena estrella, que apenas scintilava no manto imperial do monarcha americano, no fausto dia 2 de dezembro de 1855 fulgurou em toda a sua magestade; essa povoação sem historia, mas com importancia agricola, deu um grande exemplo de devoção civica ás instituições monarchicas, que hoje se personificam na nova estirpe do antigo throno de Bragança.

Celebrou-se na Matriz da villa um solemne *Te-Deum* a que assistiram a camara municipal, as autoridades locais, e crescido numero dos principaes cidadãos do municipio.

O padre-mestre Francisco José Calassancio, um dos ecclesiasti os mais illustrados de todo o bispado, e um digno ornamento do pulpito, recitou ou antes improvisou um eloquente discurso, consagrado ao fausto objecto, que se celebrava.

« Senhor, dizia o eloquente orador, dirigindo-se mentalmente ao illustrado monarcha, senhor, amam-vos os brasileiros do fundo de seus corações, por que sois um rei paternal, por que do solio, em que vos assentaes manam as virtudes domesticas, parte a paz para todos os angulos do imperio, e a justiça começa a entronisar-se; todos vos amam, senhor, não por emitardes esses grandes conquistadores da antiguidade, que enso-pavam em lagrimas e em sangue os seus estandartes de victoria, mas por que sois pai e rei, em cujas acções resplandecem todas as virtudes.

« Aonde tão grande caridade, como a que praticastes nos dias calamitosos, em que a mais terrivel das epidemias assolava a população?

« O vosso manto purpureo de imperador foi estender-se sobre os leitos dos hospitaes, em que as victimas da mais extrema agonia luctavam nas vascas da morte.

« As vossas virtudes domesticas, as vossas qualidades de rei tinham-vos feito conquistar o coração de vossos subditos, n'esse dia conquistastes a immortalidade: salve, ó immortal filho dos reis, e bem querido dos povos. »

Depois do *Te-Deum* e da oração, de que acaba-

mos de dar um *specimen*, seguiu-se o cortejo á augusta effigie do Senhor D. Pedro II. Na rica e formosa casa do Sr. capitão Manoel Jacintho Domingues de Castro, um dos cidadãos mais bem quisto e mais benemerito d'aquelle municipio, estava armado no principal salão um elegante docel de seda e ouro, brilhantemente illuminado. O Sr. Tenente-Coronel José Domingues de Castro, commandante da guarda nacional deu os vivas do estylo, que foram correspondidos cordialmente pelo numerozo concurso de senhoras e cavalheiros, que alli se achavam, e pelo povo que estava apinhado no largo.

O Sr. capitão Manoel Jacintho pedia a attenção e recitou o seguinte discurso.

SENHORES. Não é por um luxo vão que estas paredes estão cobertas de galas, não é sem uma significação intima e cordial, que este pavimento está coberto de flores, e que o ar está repassado dos effluvios de aromas rescendentes: tudo isto, senhores, é o symbolo de uma devoção civica. Estas galas, estas flores, e os canticos que ouvimos, os perfumes que respirámos são a imagem do prazer que reina em nossos corações pelo fausto objecto que celebrámos n'esta hora solemne.

Perfaz-se hoje tinta e um anno, meus senhores, que rutilou para o Brasil a aurora de uma grande ventura. Desde então o espirito publico, embora atribulado por crises de dolorosa reminiscencia, convergia para o berço do illustre infante todas as suas esperanças queridas: elle era o iris de paz e bonança, era o symbolo de aliança entre o throno e o povo.

Estas esperanças, por si só, bastavam para debelar o terrivel dragão da anarchia, que buscava arremessar para um abismo a este grandioso imperio, que surgira nas margens do Ypiranga, á voz poderosa de um principe, como o universo tinha surgido á voz onnipotente de Deus.

Estas esperanças, senhores, tornaram-se hoje uma realidade. Não foi em vão que o povo esperou a sua felicidade das mãos infantis de um principe, que nascera e crescera no meio das tribulações.

Consideremos a nossa posição, a nossa situação actual de nação, e veremos, que somos o primeiro imperio da America do sul, que o diadema que cinge a augusta fronte do Senhor D. Pedro II. é um iris de eterna aliança entre a Europa monarchica, e a America republicana; a paz e a prosperidade no interior, o credito e o respeito no exterior, taes são as garantias que hoje offerece á nação a monarchia constitucional, que é o symbolo de eterna gloria para a terra venturosa da Sancta Cruz.

Perante o altar de Deus, trez vezes sancto, pedimos a Deus que prolongasse a vida do inclito monarcha, como o Brasil e nós carecemos: agora aqui, n'estas aras civicas de um cordeal patriotismo, exclamemos com brados de enthusiasmo:

Viva o fausto natalicio do monarcha brasileiro o Senhor D. Pedro II.

Viva toda a augusta familia imperial.

Viva a constituição politica do imperio.

Viva o actual ministerio da politica consiliadora.

Viva o povo do municipio de São Luiz.

Um esplendido baile veio abrilhantar o resto d'esse dia, que de hora em diante será um dia de eterna recordação para o povo do municipio de São Luiz de Paraetinga.

Aproveitando as respectivas informações, e registando esta festa civica nas columnas da *Semana* é nosso fim acompanhar o patriarchal povo de São Luiz na justa effusão de sua dedicação civica á paternal monarchia do Senhor D. Pedro II, e louvar aos benemeritos cidadãos que tomaram a iniciativa da função, especialmente ao illustrado deputado provincial o Sr. Dr. Joaquim Floriano de Godoy, que é o cidadão predilecto d'aquelle municipio, e que gosa da estima e da consideração que justamente lhe é devida.

BAILES DE MASCARAS.

Consta-nos que o Sr. Chefe de policia da corte, considerando os inconvenientes de uma excessiva affluencia nos theatros lyrico e no dramatico de S. Pedro, resolvêra proceder a uma lotação segundo se pratica na Europa. Consta-nos mais que o numero de concurrentes para cada um dos theatros não excederá a duas mil e quinhentas pessoas, cujos cartões de entrada serão carimbados pela policia, a fim de não ser illudida esta salutar providencia.

Felicitâmos a S. Ex. por esta luminosa e providencial medida; e seja-nos permittido por esta occasião chamar mais uma vez a sua particular attenção para o estado do theatro lyrico, cuja edificação provisoria não dá a necessaria garantia de segurança, especialmente n'uma reunião numerosa e agitada, como é a de um carnaval.

Deve especialmente considerar-se que embora o madeiramento esteja seguro, como attestou a commissão respectiva de exame, (e o que pomos e poremos em duvida, em quanto virmos a auzencia do lustre) os frontaes de tijolo, que ha entre um e outro pilar podem, com as oscilações, dar de si, e cahirem sobre os concurrentes. Sobre esta circumstancia não é explicito o parecer dos illustrados e respeitaveis peritos.

Seja, porém, qual for o ultimo accordo tomado a este respeito, desde já louvâmos ao Sr. chefe de policia a solicitude que lhe merece a prevenção de um sinistro, que é possivel sacrificar centenaes de victimas.

Depois de havermos escripto e publicado a presente noticia, acompanhada de ligeiras observações, appareceu n'uma das folhas diarias um violento artigo cujo auctor quebra lanças pelo theatro lyrico, e ousa encherger em nosso simples enunciação o vehiculo ou a manifestação sorradeira de u na intriga pessoal. Repelimos essa maligna e indecente in-

sinuação, porque as pennas da *Semana* não se acham hypothecadas ao triumpho de interesses pessoas: é muito mais nobre, muito mais elevada a nossa missão; as cousas e não os homens, os factos e não as pessoas, que com elles se identificam, eis os assumptos que tratámos. Nós que estigmatizamos as paixões más, manifestadas na imprensa, não seríamos os primeiros a desdizemo-nos de nossa conducta jornalística; buscamos esclarecer, e não armar, mas destruir laços traçoeiros.

Era um simples conhecimento, que tínhamos do facto, quando o noticiámos; mas o calor do artigo, a virulencia das suas expressões, o empenho de abafar os nossos receios, obrigou-nos a considerar mais de perto o assumpto; e agora julgamo-nos habilitados para nos dirigirmos ao Sr. chefe de policia, e ao Sr. ministro do imperio, pedindo-lhe se dignem ler-nos, e tomar nossas observações na consideração, que merecerem á sua imparcialidade, e á sua illustrada apreciação.

Respeitamos muito a cada um dos membros da respectiva commissão; mas não podemos nem devemos expor ao seu parecer official a segurança de centenaes de vidas. Essa commissão examinou o estado do madeiramento, e achou-o bom; mas não avançou a assegurar o estado das paredes, nem examinou conscienciosamente o abatimento de mais de dois palmos, que tem havido nos alicerces e uma inclinação que se observa pelo lado do norte. Diz-se que com uma não pequena somma de dinheiro se restabeleceria o lustre, mas com dinheiro tudo que é possível se faz.

O theatro provisório tem uma existencia legal de trez annos e essa já acabou. Ainda que elle estivesse nas melhores proporções de segurança e solidez, é um escandalo, é uma flagrante violação da lei estar ainda a funcionar. Falámos tão sómente das circumstancias e estado do edificio: não nos forcem a precipitar o que um dia diremos sobre as circumstancias e estado da empreza, que, a troco de alguns centos de mil reis, quer expor uma parte do publico a possível e facil sinistro.

A condemnação que os membros da commissão de exame fulminaram ao salão, uma das principais peças d'aquelle caquetico edificio deve muito pezar no animo do Sr. Chefe de Policia. Deve tambem pezar na sua consideração o cuidado de mandar, especialmente, inspeccionar os ligamentos, o travamento dos frontaes, ou lanços de paredes com os pilares, que se lhe interpõem. Com a prudencia, com a illustração que caracterizam as suas administrações, o Sr. Sinimbú hade tomar uma deliberação digna d'elle e do objecto.

Se a sua decizão for contra a nossa expectativa nem por isso a estemagtizaremos: então no humilde posto que occupámos na imprensa ser-nos-ha permittido bradar aos chefes de familia, que não se exponham, e a suas familias ao azar de um grande sinistro.

Ha certos avizos providenciaes, que não se devem desprezar. Assim como, ha tempos, um furacão levou pelos ares e derrubou a barraca do balão, uma contradança pôde trazer á terra aquelle barracão, provissorio de direito, e definitivo de facto.

AS NOSSAS CONFERENCIAS.

N'uma reunião que ultimamente teve a redacção da *Semana* combinou-se no seguinte:

1.º Que a nossa folha tomasse uma parte moderada e prudente no movimento e estado politico do paiz, encarando a politica debaixo de ponto de vista litterario e administrativo, e abstendo-se convenientemente do pessoal governamental.

2.º Que cada um dos respectivos redactores buscasse organizar a parte de redacção que lhe estava confiada, dirigindo-se ás pessoas illustradas, e com nome nas especialidades que dirigiam, pedindo o seu auxilio e collaboração.

3.º Que se promovesse a possível circulação da folha, especialmente entre as pessoas illustradas, afim de que nos assistam com seus conselhos e nos fortaleçam com sua opinião.

4.º Que um dia aprazado na semana será consagrado á uma conferencia, em que cada um dos redactores pessoalmente ou por escrito apresentará o estado da parte de sua redacção, e por ultimo se farão leituras, ou se combinará o ponto de vista em que devem ser tratados os assumptos vitais do paiz, como os da religião, da colonisação, da instrução popular, etc.

Se estes meios forem convenientemente postos em pratica e cuidadosamente desenvolvidos, esperamos que a *Semana* em breve conquistará uma legitima opinião no animo publico, como já tem grangeado particulares favores, e mui generosa acceitação da parte de pessoas respeitaveis por sua elevada posição e illustrado saber.

REVISTA SEMANAL.

AO VOAR DA PENNA.

MEU CARO DIRECTOR. O philosopho Azais ideou e escreveu o systema das compensações; e o systema das compensações é a philosophia por excellencia. Assim, pelas suas theorias, é preciso para o equilibrio e harmonia do mundo moral que uns sejam pobres para os outros serem ricos que uns sejam velhos para os outros serem moços que umas sejam feias para as outras serem bonitas, que uns estejam doentes para os outros estarem sadios, que uns morram para os outros viverem, que uns cantem mal para os outros cantarem bem; e que em fim n'um dia se escreva de mais para n'outro dia não se poder ou não querer escrever cousa alguma.

Quando Azais escreveu este systema foi considerado como um utupista, assim como tinha sido julgado Bernardin de Saint-Pierre com o seu systema das harmonias. Mas afinal triumphou o principio das acções e reacções: o polo positivo e o polo negativo de uma pilha galvanica são duas realidades no mundo moral.

Quero dizer com todo este palavriado, que se não escrevi uma revista semanal para o voso ultimo numero, agora, para o que está na forja, vou rabiscar, ao voar da penna, já se sabe, um longo artigo, que, em compensação, irá preencher n'este o vacuo que eu deixei no outro.

BAILE DE PHANTASIA. Segundo se deprehende da folhinha, e dos respectivos preparativos vamos, n'este anno, ter um carnaval de gravata lavada, calção e meia de seda, e não esse assalvado entrudo de nossos avós, que não havia nada que os constipasse.

Graças ao empenho da sociedade das *Summidades carnavalescas* o entrudo é uma especie de Bertholdo, que só tem as honras da leitura na tripeça do sapateiro, ou no baleão da taberna.

Nunca mais esse immundo, esse agalegado entrudo da idade media e dos tempos mytologicos, nunca mais essas luctas phisicas de máo gosto, esse cingir e baldear de agoa, que matava pela quaresma, como se morre do cholera, dias depois de aspirar o miasma: o entrudo passou, d'esta nossa cõrte, para o dominio da historia viridica das loucuras humanas, apenas será ainda representado, como antigualha, n'uma ou n'outra povoação, que se arrasta tropega pela estrada da civilisação moderna.

A esse grupo da sociedade carnavalesca se deve o impulso e a realisação de um passo de gigante na civilisação dos nossos costumes publicos. N'esses dias, em que é permittida uma certa e delicada expansão, contraem-se relações de familia, que ao depois se cultivam e gosam nos salões. A sympathia, as impressões vivas e deslumbrantes, que se contraem n'esses encontros ruidosos, infiltram-se ao depois no amago do coração, e a sympathia torna-se em amizade, e quantas vezes a amizade em amor.

Dizem que os velhos nunca se contentam com o presente; eu n'este assumpto serei a excepção da regra. Se tivesse de symbolisar o entrudo faria um grupo de Bacho e das Bachantes, setivesse de personificar o carnaval agruparia Appolo e as graças.

Corre como certo que a sociedade vai este anno promover um baile de phantasia. E' esta medida um poderoso vehiculo de amplexar e aperfeiçoar o estado da nossa civilisação. Não é só largar os trages grosseiros do entrudo e vestir os assetinados do carnaval: o baile de phantasia cria personagens historicas, e o espirito dos *disfarçados* deve revelar-se debaixo d'essas vestes da pragmatica do tempo.

O baile de phantasia não deve ser tão sómente partilha da mocidade, e da idade madura: deve estender a sua influencia benigna e remossante até ao gelo da velhice. Socrates, Bossuet, Turenne, o padre Vieira, Christovão Colombo, e uma infinidade de senadores historicos podem ser representados. Eu se lá for, como espero, irei com o costume, e não com o cynismo de Diogenes, com o riso de Heraclito, ou com o espirito de Voltaire.

E se lá me encontrar com o Padre Vieira lhe perguntarei pela sua patria natal, e o que elle quiz dizer n'aquella sua carta XL, em que falla da cabana onde nascera. Para dois velhos será assumpto de uma conversação litteraria, como Anna Bolena, a Dama das Camélias, Desdamonda e outras que taes promoverão aos nossos janotas barofadas de espirito, que nem a ebolição de algum alambique.

CASA MALDICTA. O theatro de S. Pedro d'Alcan-

cantara não está tão maldito pelos praguentos, que não nos tenha podido dar, (atravez de sacrificios e embarços) duas peças novas em menos de um mez. No domingo teve logar a representação do drama original do Sr. Bourgain a *Casa Maldicta*. O drama agradou e muito. O Sr. Bourgain parece escrever os seus dramas para uma classe especial, e com muito engenho e felicidade cava e explora essa mina de um gosto especial. O drama tem descuidos de lingoagem, a phrase pouco estudada, mas em compensação o desenho dos personagens é correcto e fiel.

O nosso distincto artista, o Sr. João Caetano dos Santos; creou um papel inteiramente novo; e foi esse personagem uma pedra de toque em que se contrastou o seu genio, e experimentado talento. Não era o tragico arrebatando-nos, nem o typo dramatico a fascinar-nos, nem a estridente gargalhada de André a fazer-nos arripiar as carnes, era um velho usurario de indole, e costumes especiaes a expor-nos o quadro de uma molestia fatal, que identifica a riqueza com a miseria, e transforma o homem em cousa.

Especialmente no monologo, em que o usurario tem a maior sação da febre, que o devora pelo seu querido thesouro, e na scena do somnambulismo, o Sr. João Caetano arrebatou e colheu freneticos e merecidos applausos.

O Sr. Arêas com o talento e veia comica, que o constituem um artista de primeira plana no seu genero, foi muito bem no papel do creado digno de tal amo.

Os de mais artistas foram toleravelmente.

O Sr. Bourgain augmentou com este drama mais uma pagina ao seu repertorio popular de auctor dramatico. Se a *Casa Maldicta* tiver um ou outro cõrte na sobejidão de dialogo, mais disvelo e cuidado no lancar e tornear da phrase pôde tornar-se este drama o irmão segundo de *Pedro Sem*.

O RIGOLETO. O theatro lyrico deu-nos uma opera nova o *Rigoletto* de Verdi. O assumpto da opera, como deve saber quem se importa com estas cousas, é tirado do Drama de Victor Hugo *Le Roi s'amuse*: Rigoletto é essa creação phantastica da ardente imaginação do poeta, é o irmão gêmeo de Quasimodo, é essa escrecencia humana, onde se personifica uma grande miseria a rir, e um rir de poderoso a chorar no coração do desafortunado.

Dizem os entendidos que esta partitura é um dos maiores triumphos de Verdi; e assim deve ser: mas a opera deram-no-la castrada, e com um vestuario, scenario, e *mise en scene* miseravel, detestavel e até vergonhoso.

Em muitas passagens, pareceo-nos, que Verdi se plagiava do *Trovador* e *Traviata*: o coro, por ocasião do rapto de Gilda é original e foi bem cantado: o coro, que, no ultimo quadro, arremeda as barofadas da tempestade, e que é uma das bellezas da opera, passou desaperecebido, por mal executado, e por ficar abafado com o infernal roncar da trovoadas.

A Sra. Charton, na parte cantante, foi bem, posto que uma ou outra vez pareceu-nos não serem sufficientes os recursos da sua voz para exprimir

certas notas. Na parte dramatica achamo-la descuidada no momento em que o seu amante lhe apparece de subito, rojado a seus pés, e quando entra no salão já com a sua coroa de virgem desfolhada, e esmigalhada.

O Sr Walter pereceo-nos ir bem; e tambem o Sr. Bouché no seu pequeno papel. O Sr Dufrene, que tanto partido podia tirar do seu papel foi como elle mesmo. A Sra. Guione, que alias é uma boa comprimaria, parece que foi apostada n'esta opera, a recordar-nos com saudade as magicas harmonias d'ossa voz magica da Sra. Casaloni.

Tal é a impressão do momento. Ou eu ou outro mais de espaço mandaremos uma revista da execução da opera. A Sra. Charton, que prima na elegancia dos costumes deve trocar as suas enormes botas para não nos trazer á memoria (n'um momento em que se carece de todo o recolhimento para o effeito dramatico,) a historia do homem das botas de cortica.

BAILES MASCARADOS. Além do baile de phantasia, dos passeios e de outras loucuras do carnaval teremos bailes de mascaras nos theatros *provisorio definitivo*, e no de São Pedro. Vae proceder-se a uma lotação, sem que sejam navios, e é opinião corrente que cada um dos theatros não receberá mais de duzentas e cincoenta pessoas, e que os cartões de entrada serão rubricados pela policia.

Já na minha anterior vos expuz os meus receios a respeito do eterno provisorio; e juro-vos pelos meus deuses que não me aventurarei a ir dançar ou vêr dançar no tal barracão, por que costuma dizer-se que o seguro morreu de velho.

Sobre a lotação acho injusta a igualdade do numero de concorrentes; pois o theatro de São Pedro, solidamente edificado, por que não é edificio provisorio, hade ter o mesmo numero de expectadores e dançantes que se dá a um theatro, edificado apenas para servir por trez annos, sobre um chão baflo, com um lado já derreado?

Onde está o homem está o perigo, mas Deos disse « foge da occasião proxima, que eu te livrarei do peccado; isto é, não vás dançar no provisorio; por que o provisorio está em occasião proxima de esborralhar-se.

CORRESPONDENCIA FAMILIAR. Tenho um amigo na provincia, de que sou natural, que por mais de um cento de vezes me tem pedido uma correspondencia familiar, em que lhe conte as novidades da corte, porque diz elle — « quem não póde beber na taberna, ao menos que folgue n'ella. Das peças que vos preguei a semana passada, tenho eu pregado duzias ao meu amigo, e, em vez d'elle não se importar mais comigo e com as minhas correspondencias, insiste em quasi todos os correios pelo cumprimento da minha palavra, que, a este respeito, lhe dei com a mesma facilidade com que lhe tenho faltado.

Como estamos perto da quaresma, e é mister irmo-nos preparando para a emenda das culpas, ao menos durante o tempo do exame de consciencia, e o cumprimento da penitencia, tenho resolvido escrever regularmente ao meu amigo.

Mas como não posso arder em dois fogos; e eu sou um dos mais extrenuos sectarios da *conciliação*

do Sr. Marquez do Paraná, isto é, gosto de contentar a todos segundo a occasião, o tempo e as pessoas como dizem que faz o Sr. Pedreira, lembra-me conciliar-vos a vós, que sois da situação, e ao meu amigo, que é, ou era da opposição, por que ha cousa de um mez tenho-lhe faltado por causa de dois artigos que vos mandei, e que me deixaram esfalfado. Consiste a minha operação de conciliação em escrever eu, *ao voar da penna*, uma REVISTA SEMANAL dirigida ao meu amigo, e em vez de a lançar no correio inseri-la na vossa *Semana*, ficando assim conciliadas duas pessoas e uma cousa: o meu amigo com as novidades, vós com o artigo hebdomadario, que vos prometti; e a minha magra algibeira com a economia de alguns cobres, pois dos vintens se fazem os tostões, dos tostões os mil reis, dos mil reis os contos, e dos contos os barões.

E fiquemos n'isto.

A. s.

VARIEDADE.

UM ARTIGO IMPROVISADO.

CARISSIMO FRATELLO.—Não repare no italianado titulo de camaradagem; tudo tem sua epoca, e por certo que a actual está empregnada de uma grande dose de italianismo.

Impôz-me V. a obrigação de dar-lhe a tempo e a horas uma relação circumstanciada do que se for passando n'este panorama da actualidade de 56: eu o farei como puder, e não conforme os seus desejos e esperanças.

Serei cauteloso, pois bem sabe que um dos traços phisionomicos da perigosa quadra é o da *cautela* nunca tanta extensão se deu ao dito de nossos avós: — « Cautela e caldo de galinha não faz mal a doente. » —

Acautela-se a saude por causa do cholera.

Acautela-se o nariz por causa da limpeza das ruas e do campo de Sant'Anna.

Acautela-se os dividendos por causa dos agiolas.

Acautela-se a carne podre por causa dos amigos do bom mercado.

Acautelam-se as moças por causa dos empertigados em cavallos do Cabo.

Acautelam-se as heranças por causa..... do vento.

Com cautela,
Sempre bella,
Sempre guápa
Vive a moça que se escapa
Das unhas do gavião.

Sem cautela,
Se engambéla,
Emfim se encapa
Simples moça, e vae p'ra o mappa
Das faltas do coração.

Por tanto acautelamo-nos em tudo quanto tivermos de dizer, para não dizer de mais, nem de menos.

Ne parler jamais qu'à propos
Cet un rare et grand avantage;
Le silence est l'esprit de sots
Et une des vertus du sage.

Nada lhe poderemos dizer da Europa, porque mesmo a Europa não sabe o que tem a dizer de si; e, se essa razão não bastasse, dir-lhe-ia que temos por cá muita coisa, com que nos divertirmos.

Ahi temos o Paraguay
Com trez bocas a bradar!
Oribes a cochichar
Co'o governo do Uruguay.

Ahi temos por entre as Flores,
Rosas d'espinhos ferinos:
Ahi temos esses meninos
A nos mamarem suóres.

Ahi temos no Amazonas
Essas cobicas UNIDAS
E nós? fazendo torcidas
Em louvor das primas donnas.

Onde estão nossas armadas
Em 22 gloriosas?
Estão á espera dos Rosas,
Ou podres por desarmadas?

Não se bula, porém, n'estes pontinhos; mas fique-se sabendo que, ninguém cuidaria em 1826, que em 1856 a nossa marinha estaria reduzida ao presente estado, o nosso exercito tão rico de precedentes gloriosos estaria tão pobre de meios para viver!

Moveram-se nos ultimos tempos essas guerras da Criméa tão abundantes de eventualidades por terra e mar, e nós não mandamos ninguém ao theatro dos successos para ao menos estudarem o que ha de novo na organização e material do exercito, como na artilheria e manobra dos navios.

Ora a Inglaterra, que está mais perto d'esses melhoramentos, e que é a Inglaterra, achou-se balda e apanhada em atrazo na luta gigantesca da Criméa, e nós?

Se os Flores e os Rosas do Sul nos fizerem das suas, procuraremos então saber o que é uma peça á paixhans ou um funil á minié?

Não temos um museu de armas! e todos os povos os tem numerosos e fornidos!

Falla-se muito, ás direitas
Quando as coisas estão bem tortas,
Depois das casas roubadas
Ponham-se trancas nas portas.

Viva Deos, caro Fratello, e deixemos ir o mundo como elle vai pelo grande principio de que Deos escreve direito por linhas tortas, quanto á nós que não somos Deos buscaremos escrever torto por linhas direitas.

Direito, direitinho e rectamente
E' como vive ahi a torta gente.

Pois não é viver muito direito, ir direitinho aos galinheiros da vizinhança e roubar tudo quanto por ali se encontra?

Não é viver muito direito caminhar ás apalpadelas por entre portas arrombadas, como acaba de acontecer em uma casa da rua do Senhor dos Passos, e safar-se o sujeito pela linha recta que foi o caminho mais curto que achou depois de encher as algibeiras?

Pois não é muito direito não pagar aos medicos com credito; porem encher-os de descredito?

Pois não é tão direitinho vender os remedios e

as meias da policia, e ainda em cima dar garrafas de remedios que remedeiam para sempre os males dos infelizes, como está acontecendo ahi n'uma roça onde uma autoridade colhe ás direitas?

E' assim que o anzol é que é direito,
E' assim que o escuro é que alumia
Assim perna de pau não é defeito
Assim cahe-se em buraco ao meio dia.
E' assim que a razão está no sujeito
Quando exerce o poder da tyrania
E' assim que por tretas ou por trica
Do pé p'ra mão a gente fica rica.

Eis o porque, carissimo Fratello, os caixeiros não deixam de clamar pelos domingos.

Na verdade como se hade negar aos caixeiros o direito que tem todos de descansar ao domingo?

Não pensem os donos das casas de commercio que poderão colher bom e valioso trabalho de seus caixeiros n'esses dias em que elles estão convencidos que lhe assiste direito ao descanso: nem se pôde mesmo explicar que essa numerosa classe trabalhadora esteja privada do direito commum em um paiz religioso.

Somos de opinião de que aos caixeiros devem-se conceder os dias santificados; e que o contrario importa uma insustentavel inversão nos principios de justiça.

Tenham porem os caixeiros paciencia e consolem-se com o resto da Sociedade, que sem causa alguma ficou privada dos dias santos como o de Santo Antonio que foi sempre e hade ser festejado pelos povos christãos.

O que ganhou o Thesouro?

O que ganhou a moralidade publica?

O que ganhou o trabalho?

Bem fazem os inglezes da Estrada de ferro que não querem saber de Santo Antonio, nem Santo Ambrozio, o que querem é saber de Santa LIBRA ESTRELINA.

Ha muita gente, carissimo e bom Fratello, que duvida da perfeição da obra e da vantagem de algumas desapropriações, e bem assim de algumas curvas e da bondade de uma deliberação ultimamente tomada, e na qual não queremos fallar por agora, pois cheira-nos a uma vingancinha.

Estamos na phase das acções e das aberturas.

As acções tem tido suas reacções: aos negociantes dos dividendos tem dado que fazer aos advogados e á santa moralidade.

Quanto ás aberturas ahi tivemos uma abertura de causas e motivos publicada nas folhas diarias pelo Sr. Dr. Adhock Lobo, e por isso vae-se com bons auspicios proceder-se á abertura da rua do Cano, que provavelmente deixará o prasaico nome de rua do Cano pelo de — rua das aberturas e toma larguras. — Tambem vamos ter um bocadinho de abertura do canal do mangue da Cidade Nova por conta do Sr. ministro do Imperio e risco do Sr. barão de Mauá, que se quizer, pôde levar a obra ao cabo.

Lá para domingo fallaremos ainda n'esta abertura.

Do seu Fratello.

Y.